

# JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

## TEORIA GERAL DO ESQUECIMENTO

Romance  
vencedor do  
International  
Dublin Literary  
Award de 2017



TUSQUETS  
EDITORES

EXEMPLAR ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA  
TEORIA GERAL DO  
ESQUECIMENTO

TUSQUETS  
EDITORES

TUSQUETS  
EDITORES

Copyright © José Eduardo Agualusa, 2012

Publicado em acordo com Agência Literária Mertin, Nicole Witt – Literarische Agentur Mertin Inh. Nicole Witt e.K. Frankfurt am Main, Alemanha.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023

Todos os direitos reservados.

Título original: *Teoria geral do esquecimento*

*Preparação:* Mariana Silvestre

*Revisão:* Carmen T. S. Costa e Caroline Silva

*Projeto gráfico e diagramação:* Jussara Fino

*Capa:* adaptação do projeto gráfico original de Companhia

*Fotografia de capa:* José Eduardo Agualusa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Agualusa, José Eduardo

Teoria geral do esquecimento / José Eduardo Agualusa. – São Paulo:

Planeta do Brasil, 2023.

192 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-422-2381-1

1. Ficção angolana I. Título

23-5204

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção angolana

Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

Consolação – 01415-002 – São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

## Sumário

- 9    **NOTA PRÉVIA**
- 11   **O NOSSO CÉU É O VOSSO CHÃO**
- 19   **ACALANTO PARA UMA PEQUENA MORTE**
- 27   **SOLDADOS SEM FORTUNA**
- 33   **A SUBSTÂNCIA DO MEDO**
- 35   **DEPOIS DO FIM**
- 43   **A MULEMBA DE CHE GUEVARA**
- 45   **A SEGUNDA VIDA DE JEREMIAS CARRASCO**
- 51   **MAIO, 27**
- 55   **SOBRE AS DERRAPAGENS DA RAZÃO**
- 63   **A ANTENA REBELDE**
- 69   **OS DIAS DESLIZAM COMO SE FOSSEM LÍQUIDOS**
- 71   **HAIKAI**
- 73   **A SUTIL ARQUITETURA DO ACASO**
- 81   **A CEGUEIRA**  
**(E OS OLHOS DO CORAÇÃO)**

**85 O COLECIONADOR DE DESAPARECIMENTOS**

**91 A CARTA**

**93 A MORTE DE FANTASMA**

**97 SOBRE DEUS E OUTROS MINÚSCULOS DESVARIOS**

**99 EXORCISMO**

**101 O DIA EM QUE LUDO SALVOU LUANDA**

**103 APARIÇÕES, E UMA QUEDA**

**QUASE MORTAL**

**113 MUTIATI BLUES**

**117 ONDE SE ESCLARECE**

**UM DESAPARECIMENTO (QUASE DOIS),**

**OU DE COMO, CITANDO MARX:**

***TUDO O QUE É SÓLIDO SE DESMANCHA NO AR***

**127 OS MORTOS DE SABALU**

**135 DANIEL BENCHIMOL INVESTIGA**

**O DESAPARECIMENTO DE LUDO**

- 141 MUTIATI BLUES (2)**
- 145 O ESTRANHO DESTINO DO RIO KUBANGO**
- 151 ONDE SE REVELA COMO NASSER EVANGELISTA AJUDOU PEQUENO SOBA A FUGIR DA CADEIA**
- 155 MISTÉRIOS DE LUANDA**
- 159 A MORTE DE MONTE**
- 161 O ENCONTRO**
- 165 UM POMBO CHAMADO AMOR**
- 171 A CONFISSÃO DE JEREMIAS CARRASCO**
- 175 O ACIDENTE**
- 179 ÚLTIMAS PALAVRAS**
- 181 É NOS SONHOS QUE TUDO COMEÇA**
- 185 AGRADECIMENTOS E BIBLIOGRAFIA**

**O NOSSO CÉU É O VOSSO CHÃO**

TUSQUETS  
EDITORES

Ludovica nunca gostou de enfrentar o céu. Em criança, já a atormentava um horror a espaços abertos. Sentia-se, ao sair de casa, frágil e vulnerável, como uma tartaruga a quem tivessem arrancado a carapaça. Muito pequena, seis, sete anos, recusava-se a ir para a escola sem a proteção de um guarda-chuva negro, enorme, fosse qual fosse o estado do tempo. Nem a irritação dos pais, nem a troça cruel das outras crianças a demoviam. Mais tarde, melhorou. Até que aconteceu aquilo a que ela chamava *O Acidente* e passou a olhar para esse pavor primordial como uma premonição.

Após a morte dos pais ficou a viver em casa da irmã. Raramente saía. Ganhava algum dinheiro lecionando português a adolescentes entediados. Além disso, lia, bordava, tocava piano, via televisão, cozinhava. Ao anoitecer, aproximava-se da janela e olhava para a escuridão como quem se debruça sobre um abismo. Odete sacudia a cabeça, aborrecida:

— O que se passa, Ludo? Tens medo de cair entre as estrelas?

Odete dava aulas de inglês e alemão no Liceu. Amava a irmã. Evitava viajar para não a deixar sozinha. Passava as férias em casa. Alguns amigos elogiavam-lhe o altruísmo. Outros criticavam-lhe a excessiva indulgência. Ludo não se imaginava a viver sozinha. Inquietava-a, porém, ter-se tornado um peso. Pensava nas duas como gêmeas siamesas, presas pelo umbigo. Ela, paralítica, quase morta, e a outra, Odete, obrigada a arrastá-la por toda a parte. Sentiu-se feliz, sentiu-se aterrorizada, quando a irmã se apaixonou por um engenheiro de minas. Chamava-se Orlando. Viúvo, sem filhos. Fora a Aveiro resolver uma complexa questão de heranças. Angolano, natural de Catete,

vivia entre a capital de Angola e o Dundo, pequena cidade gerida pela companhia de diamantes para a qual trabalhava. Duas semanas após se terem conhecido, por acaso, numa confeitaria, Orlando pediu Odete em casamento. Antecipando uma recusa, conhecendo as razões de Odete, insistiu para que Ludo fosse viver com o casal. No mês seguinte, estavam instalados num apartamento imenso, no último andar de um dos prédios mais luxuosos de Luanda. O chamado Prédio dos Invejados.

A viagem foi difícil para Ludo. Saiu de casa atordoada, sob o efeito de calmantes, gemendo e protestando. Dormiu durante todo o voo. Na outra manhã, acordou para uma rotina semelhante à anterior. Orlando possuía uma biblioteca valiosa, milhares de títulos, em português, francês, espanhol, inglês e alemão, entre os quais quase todos os grandes clássicos da literatura universal. Ludo passou a dispor de mais livros, embora de menos tempo, pois insistiu em dispensar as duas empregadas e a cozinheira, ocupando-se sozinha das tarefas domésticas.

Uma tarde, o engenheiro apareceu em casa segurando cuidadosamente uma caixa de papelão. Entregou-a à cunhada:

— É para si, Ludovica. Para lhe fazer companhia. A senhora passa demasiado tempo sozinha.

Ludo abriu a caixa. Lá dentro, olhando-a assustado, encontrou um cachorrinho branco, recém-nascido.

— Macho. Pastor-alemão — esclareceu Orlando. — Crescem depressa. Esse é albino, um tanto raro. Não deve apanhar muito sol. Como vai chamá-lo?

Ludo não hesitou:

— Fantasma!

— Fantasma?

— Sim, parece um fantasma. Assim, todo branquinho.

Orlando encolheu os ombros ossudos:

— Muito bem. Será Fantasma.

Uma elegante e anacrônica escada em ferro forjado subia, numa espiral apertada, desde a sala de visitas até ao terraço. A partir dali,

o olhar abarcava boa parte da cidade, a baía, a Ilha, e, ao fundo, um longo colar de praias abandonado entre a renda das ondas. Orlando aproveitara o espaço para construir um jardim. Um caramanchão de buganvílias lançava sobre o chão, de tijolo bruto, uma perfumada sombra lilás. Num dos cantos crescia uma romãzeira e várias bananeiras. As visitas estranhavam:

— Bananas, Orlando? Isto é um jardim ou um quintal?

O engenheiro irritava-se. As bananeiras lembravam-lhe o quintalão, entalado entre muros de adobe, onde brincara em menino. Por vontade dele teria plantado também mangueiras, nespereiras, inúmeros pés de papaia. Ao regressar do escritório era ali que se sentava, com um copo de uísque ao alcance da mão, um cigarro negro aceso nos lábios, vendo a noite conquistar a cidade. Fantasma acompanhava-o. Também o cachorrinho amava o terraço. Ludo, pelo contrário, recusava-se a subir. Nos primeiros meses não se atrevia sequer a aproximar-se das janelas.

— O céu de África é muito maior do que o nosso — explicou à irmã.  
— Esmaga-nos.

Numa ensolarada manhã de abril, Odete veio do Liceu, para almoçar, excitada e assustada. Explodira uma confusão na metrópole. Orlando estava no Dundo. Chegou nessa noite. Fechou-se no quarto com a mulher. Ludo ouviu-os a discutir. Ela queria abandonar Angola o mais rápido possível:

— Os terroristas, querido, os terroristas...

— Terroristas? Não volte a usar essa palavra na minha casa. — Orlando nunca gritava. Sussurrava num tom ríspido, o gume da voz encostando-se como uma navalha à garganta dos interlocutores. — Os tais terroristas combateram pela liberdade do meu país. Sou angolano. Não sairei.

Decorreram dias agitados. Manifestações, greves, comícios. Ludo cerrava as vidraças para evitar que o apartamento se enchesse das gargalhadas do povo nas ruas, estalando no ar como fogo de artifício. Orlando, filho de um comerciante minhoto estabelecido em Catete no princípio do século, e de uma luandense mestiça, falecida durante

o parto, nunca cultivara ligações familiares. Um dos primos, Vitorino Gavião, reapareceu por aqueles dias. Vivera cinco meses em Paris, bebendo, namorando, conspirando, escrevendo poemas em guardanapos de papel, nos bistrôs frequentados por exilados portugueses e africanos, e assim ganhara uma aura de revolucionário romântico. Entrava-lhes em casa como uma tempestade, desorganizando os livros nas estantes, os copos na cristaleira, e enervando o Fantasma. O cachorrinho perseguia-o, a uma distância segura, latindo e rosnando.

— Os camaradas querem falar contigo, pá! — gritava Vitorino, atirando um murro contra o ombro de Orlando. — Estamos a negociar um governo provisório. Precisamos de quadros. Tu és um bom quadro.

— Pode ser — admitia Orlando. — Aliás, quadros nós até temos. O que nos falta é o giz.

Hesitava. Sim, ia murmurando, a pátria podia contar com a experiência que acumulara. Temia, contudo, as correntes mais extremistas no seio do movimento. Compreendia a necessidade de maior justiça social, mas os comunistas, ameaçando nacionalizar tudo, assustavam-no. Expropriar a propriedade privada. Expulsar os brancos. Partir os dentes à pequena burguesia. Ele, Orlando, orgulhava-se do sorriso perfeito, não queria usar dentadura. O primo ria-se, atribuía os excessos de linguagem à euforia do momento, elogiava o uísque e servia-se de mais. Aquele primo de cabeleira crespa, redonda, à Jimi Hendrix, camisa florida aberta sobre o peito suado, assustava as irmãs.

— Fala como um preto! — acusava Odete. — Além disso, fede a catinga. Sempre que vem aqui empesta a casa inteira.

Orlando enfurecia-se. Saía, batendo a porta. Regressava ao fim da tarde, mais seco, mais agudo, um homem muito aparentado a espinhos. Subia para o terraço, na companhia de Fantasma, de um maço de cigarros, de uma garrafa de uísque, e ficava por lá. Reentrava com a noite, carregando escuridões, um cheiro forte a álcool e a tabaco. Tropeçava nos pés, empurrando os móveis, sussurrando asperamente contra a puta da vida.

Os primeiros tiros assinalaram o início das grandes festas de despedida. Jovens morriam nas ruas, agitando bandeiras, e enquanto isso os colonos dançavam. Rita, a vizinha do apartamento ao lado, trocou Luanda pelo Rio de Janeiro. Na última noite, convidou duas centenas de amigos para um jantar que se prolongou até ao alvorecer.

— O que não conseguirmos beber deixamos com vocês — disse, mostrando a Orlando a despensa onde se amontoavam caixas com garrafas dos melhores vinhos portugueses: — Bebam-nas. O importante é que não fique nenhuma para os comunistas festejarem.

Três meses mais tarde o prédio estava quase vazio. Em contrapartida, Ludo não sabia onde colocar tantas garrafas de vinho, grades de cerveja, comida enlatada, presuntos, postas de bacalhau, quilos de sal, de açúcar e de farinha, além de um sem-fim de produtos de limpeza e higiene. Orlando recebera de um amigo, colecionador de carros desportivos, um Chevrolet Corvette e um Alfa Romeo GTA. Outro entregara-lhe as chaves do apartamento.

— Nunca tive sorte — queixava-se Orlando às duas irmãs, e era difícil compreender se ironizava ou falava a sério. — Logo agora que comecei a colecionar carros e apartamentos aparecem os comunistas a querer tirar-me tudo.

Ludo ligava o rádio e a revolução entrava em casa: *O poder popular é a causa desta confusão*, repetia um dos cantores mais populares do momento. *Êh irmão*, cantava outro: *ama o teu irmão / não vejas a cor que ele tem / vê nele somente um angolano. / Com o povo de Angola unido / a Independência chegará*. Algumas melodias não coincidiam com as letras. Pareciam roubadas a canções de uma outra época, baladas tristes como a luz de um crepúsculo antigo. Espreitando pelas janelas, meio oculta atrás das cortinas, Ludo via passar caminhões carregados de homens. Uns erguiam bandeiras. Outros, faixas com palavras de ordem:

*Independência total!*

*Basta de 500 anos de opressão colonial!*

*Queremos o Futuro!*

As reivindicações terminavam com pontos de exclamação. Os pontos de exclamação confundiam-se com as catanas que os manifestantes carregavam. As catanas também brilhavam nas bandeiras e nas faixas. Alguns homens carregavam uma em cada mão. Erguiam-nas. Batiam as lâminas umas contra as outras, num alarido lúgubre.

Uma noite, Ludo sonhou que por baixo das ruas da cidade, sob os respeitáveis casarões da baixa, se alongava uma interminável rede de túneis. As raízes das árvores desciam, soltas, através das abóbadas. Milhares de pessoas viviam nos subterrâneos, mergulhadas na lama e na escuridão, alimentando-se daquilo que a burguesia colonial lançava para os esgotos. Ludo caminhou por entre a turba. Os homens agitavam catanas. Batiam as lâminas umas contra as outras e o ruído ecoava pelos túneis. Um deles aproximou-se, colou o rosto sujo ao da portuguesa, e sorriu. Soprou-lhe ao ouvido, numa voz grave e doce:

— O nosso céu é o vosso chão.

TUSQUETS  
EDITORES